

# POR DENTRO DA CASA

## “Como os indígenas contam o tempo?”

Em meio às pesquisas sobre o Parque Indígena do Xingu (uma das maiores e mais famosas reservas do gênero no mundo), o curioso Murilo Soares indagou: e como os índios veem as horas? Bem, como na Casa Escola nenhuma curiosidade passa despercebida, a partir desta pergunta nasceu uma extensa pesquisa sobre a contagem do tempo com nossos pequenos investigadores do GV da manhã, junto à professora Juliana Lopes.

Neste contexto, a turminha fez a leitura do livro Tempo de Caju, dos autores Socorro Acioli e Maurício Negro. Daí, descobriram que algumas tribos indígenas contavam o tempo através da colheita do caju, pois acontece somente uma vez ao ano.

Os alunos se depararam com a tradição de guardar uma castanha de caju para cada ano de idade. Ah, sabendo disto, eles decidiram também contar seus anos de vida assim. Por isso, confeccionaram cumbucas com argila e colocaram dentro a quantidade de castanhas que representasse a idade deles. Fizeram, ainda, a releitura do calendário do Parque do Xingu, que fala da caça, pesca e plantações.

Os experimentos científicos também tiveram espaço, com a produção do “relógio de sol”, técnica utilizada por algumas tribos. Para saber melhor sobre o funcionamento deste relógio, as crianças estudaram sobre o movimento da Terra – que faz com que o “ponteiro” mude de posição a partir da sombra e da luz solar.

A marcação do tempo se desdobrou no plantio do feijão e acompanhamento de seu crescimento, o que foi registrado, minuciosamente, no Diário do Feijão – do plantio à colheita, incluindo a culinária que culminou na degustação.



## Novas descobertas sobre a Turma da Mônica

Quando o filme “Turma da Mônica – Laços” foi lançado em junho, a galerinha do GV da tarde não falava em outro assunto. Diante desse interesse, a professora Thaís Oliveira trouxe a proposta de estudarem sobre o tema, e, claro, as crianças adoraram!

O grupo fez, primeiramente, uma recuperação das narrativas antigas da Turma da Mônica, para entender melhor cada personagem, como se comportam e suas características. As crianças pesquisaram também a biografia do autor Maurício de Souza, como também o primeiro personagem criado por ele, o Capitão Picolé.

As crianças ficaram surpresas ao verem as semelhanças entre os desenhos criados por elas e o original do Capitão Picolé. Ainda colocaram a mão na tinta com a reprodução livre do rosto do Maurício de Souza. Ficou bem expressivo.

A turminha aproveitou o ensejo para explorar os diferentes formatos das Histórias em Quadrinhos (gibis, jornais, revistas), seus recursos linguísticos como o uso de onomatopéias (TIBUM! POW!) e os balões para expressar falas, brigas e, até, pensamentos.

Inspirados no Franjinha – o cientista da turma da Mônica – as crianças se aventuraram na experiência científica com a equipe do Robô Ciência, e construíram um vulcão que entrou em erupção.

Entre tanto por pesquisar, as crianças contabilizaram em um gráfico o personagem preferido da Turma da Mônica entre as turmas da Educação Infantil. Ainda, em parceria com a biblioteca, criaram duas HQ's e produziram cartas destinadas ao Cebolinha e ao Cascão com sugestões para que eles parem de brigar. Um trabalho que exigiu muita leitura, escrita, desenhos e criatividade.



## Pequenos artistas produzem mosaico

No que podem se transformar pedacinhos coloridos de azulejos? Para os 4º anos (manhã e tarde) e 3º ano (tarde), os pequenos formatos geométricos, juntos, dão origem à imagem de animais com a técnica do mosaico.

Junto com o professor de Artes, o artista plástico Wendell Batista conduziu este trabalho com as crianças. Para dar início, os pequenos artistas escolheram a imagem de um animal que gostariam de trabalhar. A partir daí, decidiram com o artista e o professor quais pedaços e cores de azulejos utilizariam em suas obras.

A cada encontro, a colagem dos pedaços, um trabalho de formiguinha, foi formando lindos efeitos visuais. As obras das crianças vão enfeitar o contorno do lagoinho no Viveiro, o que deixará o espaço mais bonito ainda. Aguardem e confirmem!



“É um trabalho manual, mas também de muita percepção e raciocínio”

Professor de artes João Pedro